

O sentido da arte, presença feminina e memória lírica em *Cortesantias*, de Rita Santana

Vanderlei Kroin (PUC-GO)*

<https://orcid.org/0000-0002-2282-9923>

Antonio Donizeti da Cruz (UNIOESTE)**

<https://orcid.org/0000-0002-4672-7542>

Resumo:

As imagens poéticas de *Cortesantias*, de Rita Santana são forças mediadoras do ato de dizer e de (re)apresentar os elementos dinâmicos que impulsionam o sujeito poético ao ato de criação e efetivação de uma plenitude e potência da linguagem com ênfase na realidade ôntica, no poder da palavra-memória e nas imagens projetadas na presentificação. Ao elaborar um fazer poético alicerçado em um mundo de (re)significações, a poeta efetiva uma *poiesis* direcionada à condição humana e ao sentido de presença pela palavra poética, pela força expressiva da linguagem e pelas heterogeneidades dos entes e seres, frente ao sentido da arte e da vida. Em sua poesia plástica e política, a autora desvenda os segredos do ser mulher e estabelece diálogos e leituras de si e de suas vivências com as de outros artistas e poetas, de outras épocas e espaços. São esses diálogos que este trabalho busca retomar, observando como a poeta traz a questão do feminino e fomenta diálogos com as artes plásticas, mostrando uma poesia que mantém a conexão de seu tempo e espaço com outros tantos, ressignificando-os.

Palavras-chave: Poesia; Voz lírica feminina; Diálogos poéticos; Memória lírica: Rita Santana.

Abstract:

The meaning of art, the feminine presence and lyrical memories in *Cortesantias*, by Rita Santana

The poetic images in *Cortesantias*, by Rita Santana are mediating forces of the act of saying and (re)presenting the dynamic elements that push the

* Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC-GO. Mestre (2017) e Doutor (2022) em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Bolsista Capes. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9135622643906020>. E-mail: vanderleikroin@gmail.com

** Professor Associado, Sênior, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Pós-Doutorado pela PUC-Rio (2008) e pela PUC-GO (2018). Doutorado em Letras pela UFRGS (2001). Mestrado em letras pela PUC-RS (1993). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 – CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9408709557013563>. E-mail: adonicruz@gmail.com.

poetic subject towards the act of creating and the realization of a plenitude and the power of language emphasizing the reality of the being, the power of the memory-word and the images projected in the presentification. When elaborating a poetic act based on a world of (re)signification, the poet implements a poiesis directed to the human condition and the sense of presence through the poetic word, through the expressive force of language and the heterogenous elements of the beings, when facing the meaning of art and life. In her plastic and politic poetry, the author uncovers the secrets of the woman as a being and establishes dialogues and readings of herself and her experiences with those of other artists and poets, from other times and spaces. These dialogues are explored in the present work, observing how the poet brings the question of the feminine and instigates dialogues with plastic arts, revealing a poetry that preserves the connection of its time and space with many others, offering different meanings to them.

Keywords: Poetry; Feminine Lyrical Subject; Poetic Dialogues; Lyrical Memory; Rita Santana.

Introdução

Rita Santana é escritora, professora e atriz. Nasceu em Ilhéus, Bahia em 1969. Artista da palavra, “Colorista do Verbo”, iniciou sua atuação como escritora em 1993. No ano de 2004 recebeu o Prêmio Braskem de Cultura e Arte pelo livro de contos *Tramela* (Fundação Casa de Jorge Amado). Tem participado de inúmeras antologias. Publicou os livros de poemas *Tratado das veias* (Letras da Bahia, 2006), *Alforrias* (Editus, 2012) e *Cortesianas* (Caramurê, 2019).

Cortesianas é um livro vigoroso, que transborda em suas páginas imagens de encantamento e concentração verbal com cores e tessituras de emoções e diálogos interativos com as(os) leitoras(res). Em *Cortesianas* há a presença da natureza, da contemplação. O livro é uma tentativa de experimentar o sabor estético através da palavra, pois vários dos poemas dialogam com as artes plásticas. Em outros, e também nesses que dialogam diretamente com

a arte pictórica, nota-se a fluida e vigorosa presença do feminino.

A publicação traz 31 poemas, divididos em três seções (Afrescos, Nebulosas e Cortesianas), mas que se integram harmonicamente entre si e se comunicam com a tradição e com a contemporaneidade. Rita Santana busca estabelecer diálogos com outras épocas e espaços, com outros artistas e poetas. Reconhece, igualmente, que a poesia não é alheia ao presente sócio-histórico e assinala, no ato de versejar, os vínculos de poeta com sua própria história. Aí reside, inegavelmente, a força da mulher estampada no eu lírico feminino de muitos poemas de *Cortesianas*.

Buscamos explorar nesse trabalho, então, a presença do feminino no fazer poético de Rita Santana, bem como explicitar o diálogo que ela estabelece com as artes plásticas em *Cortesianas*. Desse modo, o texto se divide em duas seções didaticamente dis-

tintas, mas que se completam e se complementam: na primeira trazemos versos que são intertextuais com o pictórico, a exemplo do poema “As comedoras de batatas”, releitura poética com a tela de Vincent van Gogh. Na segunda parte exploramos a presença do feminino nos versos de Rita Santana, nos quais o eu lírico dos poemas reflete acerca de sua condição existencial da mulher e sobre o próprio ofício de poetar, como nos versos de “Retrato da Artista enquanto poeta”.

Diálogos com a arte pictórica em *Cortesantias*

Em vários poemas de *Cortesantias* se verifica facilmente a presença do pictórico, seja remetendo poeticamente à plasticidade de modo mais sutil e indireto ou colocando-se explicitamente nomes de artistas, tais como Van Gogh, Lasar Segall, Tarsila do Amaral, Egon Schiele, Diego Rivera, Anita Malfatti, Henri Matisse e Cícero Dias, nos poemas. Neste diálogo que Rita Santana mantém com a pintura, a memória, as imagens poéticas e a presença plástica são forças mediadoras, potências capazes de interligar os eventos, as pessoas e as coisas do mundo, com uma poesia imagética e colorida, que dá sentidos à arte e à vida.

Ao buscar a essência da linguagem, a poeta efetiva o poder mágico das palavras centrados nas esferas poéticas, sociais e míticas, uma vez que, no dizer do filósofo Gaston Bachelard, os poetas e pintores são fenomenólogos por natureza. Santana elabora seus poemas resignificando-os e imprimindo as marcas do social e das relações interartes, edificadas no poder das palavras e nas imagens poéticas, alicerçadas na força da linguagem enquanto memória-presença e nas cores impressas em palavras e sentimentos, como nos versos de “As Comedoras de batatas”.

As Comedoras de Batatas

Para Vincent Van Gogh

A tempestade de granizo destruiu
a colheita das batatas,
Casas perderam os telhados.
Eu agonizo por temer intervenções – olivas! –
em todo o sonho tenso do meu País.
Negros morrem linchados nas esquinas do
Brasil.
A Pororoca morreu – de banzo!
Um tufão – de saudades – atinge a China.
Organizo o noticiário que me invade
e desacata a harmonia dos pardais,
abrsa o amarelo encardido dos canários,
provoca desalinho no voo das andorinhas,
torna-me uma pietà preta a chorar
seus filhos mortos!

Em dias de chuva, desmaio.
Enquanto tu te esquivas de mim
e eliminas as marcas dos meus avanços
sobre o solo fértil da Pátria!
Adivinhas o abandono do porvir:
Deixo-te! Amaldiçoó-te!
Deixo contigo a abnegada e a de mutismos.
Deixo a amorosa e parto!
Minhas mãos negras estão pretas de terra!

Cozinho batatas! Sirvo-as sôfregas àqueles
que dividem o pão comigo!
Como batatas com meus companheiros,
Como batatas com meus camaradas
como batatas com outras escribas:
– aquelas que também plantam.
Há outras, mas estão – alhures – do outro
lado do front!
São donas de vastas terras improdutivas.

Entorpeço os sentidos descascando versos,
comendo a poesia dos carvoeiros.
Aqueles que dividem o pão com o pastor
holandês,
cujos deuses são o transtorno dos girassóis,
e a convulsão de uma noite estrelada.

(SANTANA, 2019, p. 21-22).

Nesse poema há clara intertextualidade com a tela “Os comedores de batatas” do holandês Vincent van Gogh (1853-1890), na qual o pintor retrata a vida rústica e sofrível de camponeses sentados à mesa comendo batatas. A cena retratada é melancólica e realista, pela fisionomia das personagens,

pelas roupas que usam e pelo tom escuro que predomina na pintura, mostrando uma atmosfera lúgubre. São pessoas holandesas da classe trabalhadora, operários pobres, sem muitos recursos. A pintura mostra o social inquietante pela pobreza que representa.

Figura 1: Vincent van Gogh – Os comedores de batatas. Óleo sobre tela. 82 cm x 114 cm. Museu Van Gogh, Amsterdam, HOL.



Disponível em: <https://www.vangoghmuseum.nl/en/collection/s0005V1962> Acesso em 27 janeiro 2021.

O poema de Rita Santana que dialoga com van Gogh está repleto de crítica social. O eu lírico feminino, desde a primeira estrofe, dirige críticas e faz denúncias, como no verso “Negros morrem linchados nas esquinas do Brasil”, acentuando a violência racial que ainda é visível no país. A questão racial vai adentrando no poema. Nos versos finais da segunda estrofe vemos o eu lírico tornar-se uma *pietà* negra que se abala com o noticiário que invade a sua vida com notícias angustiantes dos filhos (negros) que morrem vítimas de uma sociedade truculenta.

Na penúltima estrofe o eu lírico invoca novamente a negritude, colocando-a em par com a terra preta que suja as mãos. Aqui há remissão às batatas colhidas da terra, preparadas e servidas como alimento básico, acompanhadas de um café, como se vê na pintura de van Gogh. No poema vemos que o eu lírico divide as batatas com quem também se predispõe a dividir o que possui, com quem planta e colhe comunitariamente. A coletividade se desenha vivaz nessa estrofe e os dois últimos versos soam como uma crítica à posse do capital.

As “outras”, as “que não plantam”, as “que estão do outro lado do front”, as “donas de vastas terras improdutivas” não plantam, não consomem, não compartilham batatas. Ficam fora do acolhimento do eu lírico no poema e fora da cena pintada por van Gogh. O tubérculo, nativo da América do Sul, migrou para a Europa e era visto como alimento inferior, sendo consumido por famílias pobres, escravos e animais. A cena lúgubre da tela de van Gogh mostra a relação direta pobreza/batata. A família pobre tem nesse alimento a base da sobrevivência.

Na última estrofe, Rita Santana reforça o estabelecimento de conexões ao aproximar seu fazer poético com o fazer pictórico de van Gogh. Poesia e pintura que retratam gente simples, artistas que se encantam pelo comum, transformando-o em arte. Quando o eu lírico diz “comendo a poesia dos carvoeiros”, no segundo verso e “Aqueles que dividem o pão com o pastor holandês”, no terceiro, assinala sua admiração ao trabalho do pintor holandês e mostrando que o poema “As comedoras de batatas” se alimenta artisticamente do jantar simples dos camponeses pobres tão bem percebidos por van Gogh. O pintor e a poeta não se desgarram do social e por isso a arte a que se dedicam encontra ressonância mais ampla. Conforme observa Mauricio Puls,

Uma obra de arte só é efetivamente significativa quando expressa a consciência limite de uma classe social – ou seja, a classe para si. Cabe lembrar que a obra de arte é um ser para o homem, um objeto que expressa um sujeito que age e pensa. O sujeito real que se move no interior das obras de arte é a coletividade. É por isso que a obra encontra uma ressonância social, pois exprime não apenas a subjetividade de um indivíduo, mas de um grupo social mais amplo. [...]. (PULS, 1998, p. 337).

As artes dialogam sempre, de modo que a arte pictórica do holandês despertou, em outra época, o ser sonhador dentro da poeta baiana e ela ressignificou em palavras o que a tela mostra em cores, convidando o leitor a adentrar nos meandros artísticos e sonhar com a tinta que sai do poema, sentir a rusticidade e ao mesmo tempo a sensibilidade que ressoa nos versos. Como nos diz Bachelard, “A tinta de escrever, por suas forças de alquímica tintura, por sua vida colorante, pode fazer um universo, se apenas encontrar seu sonhador”. (BACHELARD, 1994, p. 46). Ao abordar o sentido da arte de van Gogh, com os elementos de uma transmutação material e “enraizamento” das cores da matéria, Bachelard afirma:

Diante de tal *produção* de uma nova matéria, que reencontra por uma espécie de milagre as forças colorantes. Cessam os debates sobre o figurativo e o não-figurativo. As coisas não são mais apenas pintadas e desenhadas. Elas nascem coloridas, nascem pela ação mesma da cor. Com Van Gogh, um tipo de ontologia da cor nos é subitamente revelado. O fogo universal marcou um homem predestinado. Esse fogo, no céu, justamente aumenta as estrelas. Até aí chega a temeridade de um elemento ativo, de um elemento que excita a matéria o bastante para dela fazer uma nova luz. (BACHELARD, 1994, p. 27).

Tal é o impulso das palavras e das cores, que a poeta e o pintor articulam a irradiação de uma “contemplação em profundidade” com a articulação das heterogeneidades dos entes e seres e na íntima harmonia das forças expressivas da criação e articulações de uma presença reencontradas na arte e na vida. Por fim, os dois últimos versos do poema notamos a referência aos girassóis, flor muito admirada por van Gogh e de presença marcante na obra do artista, como se verifica na famosa tela *Os girassóis*, de 1888. Há também indicação direta à tela *A Noite*

estrelada pintada em 1889 e uma das mais conhecidas do artista. Fica evidente a intertextualidade quando o eu lírico traz a predileção do pintor pelo girassol, flor rústica que o encantava. Os girassóis eram “flores-deuses” para van Gogh, como mostra o eu lírico.

Já a noite estrelada que o eu lírico mostra como uma convulsão no último verso, registra em simultâneo a agitação criadora do artista e do céu (universo) retratado. O céu espiralado é o movimento calmo da natureza e a profundidade inquieta de Van Gogh. Os traços curvilíneos de elementos da pintura, como o cipreste e as estrelas mostram uma pintura fluída, encantadora e enigmática, convulsão cósmica e humana que Santana não deixou de colocar em seu poema, porque é uma poeta humanista. Nas palavras do escritor e professor Aleilton Fonseca, que assina o prefácio de *Cortesianias*:

Rita Santana é uma poeta de sensibilidade holística, plástica, musical, dramática, expressionista. Na sua poética, as palavras são tintas e as notas que ela dissolve na água e na pauta para compor uma sonata de afrescos, nebulosas e cortesianias. Cada poema de sua partitura é uma liga fluída de sons e cores, dizeres e sensações, mistérios e decifrações. Seu discurso lírico é uma amálgama de sinestésias, figurações, texturas e plasticidades. Ao ouvir seu canto, o leitor se sente mais lírico e humano, porque sua voz ecoa de um lugar íntimo e solene, de onde fluem as divinações da poesia. (FONSECA. In: SANTANA, 2019).

Verificamos nas palavras de Fonseca a fluidez e sensibilidade que emanam da poética de Rita Santana. Os poemas em primeira pessoa deixam o leitor mais próximo e integrado ao diálogo que propõe o eu lírico. A voz plástica da poeta transpareceu no poema “As comedoras de batatas” e está

presente em “A Colorista”, no qual se nota novamente referências à arte pictórica e o eu lírico é, mais uma vez, feminino.

A Colorista

Faço-me Colorista do Verbo
e em minha casa, ergo uma oficina
de experimentos com tintas.
Como aspargos, alcachofras,
Afago o sabor das palavras.
Sou toda uma magenta crua
a destilar desatinos sobre a Aurora.

Fascina-me saber de iluminuras!
Uma pintora me frequenta,
exige-me pincéis, palhetas
e uma vocação muralista!
Explora-me em fauna e flora.

Revigora-me a memória das mãos,
atua sobre minhas vontades,
estia vaguezas e indecisões
que atormentam meus vendavais interiores.
Opina vitrais em meus versos,
Por fim, abandona-me na azulejaria das Tormentas.
Que fazer dos meus próprios desejos?

Digo-lhe pertencer às palavras!
Ignora-me e reivindica salões, curadorias.
Respinga chuva ácida sobre meus lençóis,
estampa sobre a minha pele preta
Primavera, Fevereiro, Campainha-azul
e formigueiro-ruivo - aves do meu litoral.
Geia sobre mim a solidão dos búfalos!
Falo com paredes, banhadas de fúcsia.
Busco os desvãos da condição humana,
visto-me de verde Pancetti,
e denuncio o comércio ilegal das Orquídeas.
(SANTANA, 2019, p. 25-26).

No percurso do poema o eu lírico vai argumentando em favor de sua predisposição ao pictórico. Já no primeiro verso da primeira estrofe lemos: “Faço-me colorista do verbo”, mostrando seu fazer poético com a vivacidade de quem traça linhas e mistura cores para formar o desenho em

uma tela. Nos versos seguintes segue-se o ofício da pintura conduzindo a tessitura da poesia. O eu lírico faz de sua casa uma oficina, experencia, se diz ser uma “magenta crua” e isso é bem significativo, pois a cor demonstra o intuitivo e o místico, primordial no feminino.

Na estrofe seguinte o eu lírico reforça sua relação com o pictórico. Em seu íntimo vive a arte plástica. Todos os versos são alusivos à plasticidade. Vocábulos como “iluminuras”, “pintora”, “pinceis”, “palhetas” mostram como a pintura faz parte da poeta. No segundo verso lemos: “Uma pintora me frequenta”, o que comprova que o ofício da poeta é embalado pela arte plástica, impulsiona e exige dela as cores e formas, que vão se transformando em palavras e versos.

A pintora atua no íntimo da poeta, imprime-lhe o ritmo criador. Os verbos exigir e explorar, flexionados na segunda estrofe, mostram que a poeta não se desvencilha da pintora que intimamente a habita. Esse impulso continua na terceira estrofe, na qual os versos se mantêm conectados e traspassados pela vigorosa e atuante impulsão pictural que impinge o exercício de poetar. A mulher-pintora impulsiona o fazer poético, “Revigora-me a memória das mãos” como diz o eu lírico no primeiro verso; atua e opina, atuando inconscientemente na elaboração do poema e acaba diminuindo as fronteiras entre as artes: a poeta se dilui na colorista e a colorista é a poeta que pinta com palavras. O verso final dessa terceira estrofe comprova tanto a atuação inconsciente da arte plástica a embalar os versos de “Colorista” quanto a impossibilidade de desvencilhar-se das cores e formas que habitam a poeta.

Na última estrofe o eu lírico ainda tenta reagir ao impulso pictórico que a conduz no

exercício poético, como notamos no primeiro verso: “Digo-lhe pertencer às palavras”. Embate inútil, como se vê nos três versos posteriores, visto a força pictórica interior que a acompanha. A partir do quarto verso a poeta se entrega totalmente à pintora que a habita e conduz interiormente. “Visto-me de Pancetti”, diz o eu lírico no penúltimo verso, o que assinala e reforça a união entre o pictórico e o poético, tanto na composição do poema quanto no fazer poético de Rita Santana.

Outro poema de *Cortesánias* que se liga ao pictórico é “Aquarela”, no qual o eu lírico feminino pinta o quadro de sua vida. Cada verso é uma espécie de pincelada melancólica e a aquarela da existência humana, retratada em palavras, é frágil e perecível, fechando-se com a morte. O poema é como um afresco, como as estações (fases) que passam e vão consumindo a vida.

Aquarela

Tudo é perecível!

As Estações cavalgam sobre os dias,
fazem dos sonhos seu pasto.

Exponho-me a cortes e mutilações,
pois envelheço de luas, marés e melancolias.

Devasto vimeiras, salgueiros e várzeas
a fim de te oferecer amplitudes,
pois não amarguro ao mundo minhas tristezas,
pronuncio palavras de abundância e liquidez:
Nevoeiros, charcos, brumas e prados.

Sei de muros e fronteiras!

Guardo lenços e avenças em meu alforje.

A felicidade foge-me, escapa-me!

O mundo negligencia a minha verve
enquanto vermes me comem, conduzem-me
– molhada e íntegra –
ao Templo da Morte!

(SANTANA, 2019, p. 33).

Na primeira estrofe o eu lírico reflete acerca da passagem do tempo e sua ação voraz na vida. O envelhecimento é físico e psicológico e desgasta, pois que tudo tem sua fragilidade e não pode se fazer eterno. Nos dois versos finais, o eu lírico mostra que tem consciência de sua fragilidade de ser no mundo, quando diz que se expõe – voluntariamente ou não – às situações que incidem sobre si. Nos versos seguintes, já na segunda estrofe, o eu lírico – consciente de sua existência física efêmera e peremptório na defesa da fragilidade existencial, mostra, ou tenta mostrar, força interior ao não externalizar suas fraquezas. “Pois não amarguro ao mundo minhas tristezas” ressalta a necessidade de se manter forte perante às vicissitudes cruentas do mundo, ao mesmo tempo em que mostra uma fragilidade, que é eminentemente humana. O primeiro verso denota esse impulso de resistência e coragem, ao passo que os dois últimos mostram algo que implica certa obscuridade. Os vocábulos do verso final sinalizam o impalpável, o disforme, espaços e condições abundantes e líquidas, conforme mostra o próprio eu lírico e, portanto, ressaltam o nebuloso e temível, amplidões que arrebatam o humano e o colocam na sua pequenez insofismável.

Há o reconhecimento da finitude, transitoriedade e limitações da vida humana nesses versos e isso se acentua na última estrofe do poema. Nos dois primeiros versos o eu lírico reconhece os obstáculos que se impõe à existência e se previne disso quando diz: “Guardo lenços e avenças em meu alforje”, mesmo que isso signifique já antever dor e sofrimento. Isso logo se confirma no terceiro e quarto versos e certa melancolia transparece na voz do eu poético.

Por fim, “Aquarela” que se inicia com “Tudo é perecível” fecha-se com “Ao Templo da Morte”. Aqui se nota uma sutil compa-

ração da vida com a arte pictórica. Ambas, a aquarela e a existência humana não possuem eternidade, desgastam-se com o tempo, são negligenciadas pela corrosiva passagem temporal. No entanto, se a vida é bem vivida e a arte lhe é algo orgânico, seguem molhadas e íntegras ao templo da morte, afinal, água é vida e quando seca a tinta da vida é sinal de que tudo virou pó e desintegrou-se.

A presença feminina em *Cortesarias*

Dos trinta e um poemas que compõe *Cortesarias*, vinte e cinco deles apresentam explicitamente o eu lírico feminino. Isso demonstra como a autora põe a feminilidade em evidência ao longo do livro, pois a presença do feminino não se restringe a uma ou outra seção do mesmo. Ao dialogar com obras e artistas, poetas, brasileiros e de outros espaços, Rita Santana não deixa de se colocar nos poemas reavivando memórias pela voz do eu lírico, estabelecendo diálogos, tecendo crítica social e instigando o leitor a mergulhar vigorosamente nos mistérios da existência e nas profundezas da alma humana.

A poesia é potência capaz de dar sentido à vida e à arte. Ao buscar a essência da linguagem, Rita Santana realiza o poder mágico através das palavras enquanto mediação, comunicação e exercício de um fazer poético que é plenitude e potência, frente à experiência estética e às relações das temporalidades e dimensões de simultaneidade e presença, (re)configuradas na força da poesia e da presença de uma voz feminina vigorosa. Hans Ulrich Gumbrecht observa que a poesia/presença, com suas epifanias, gestos de dizer e silenciar, potencializa a linguagem poética enquanto um despertar para a atenção:

[...] entre as múltiplas funções e condições que constituem a base da poesia; antes é, na verdade, aquela dimensão central da consciência humana que a poesia, devido à sua estrutura específica, é capaz de desafiar em um nível particular de complexidade e é, assim, capaz de desenvolver e expandir. Nesse sentido, poesia tanto pressupõe quanto contribui para a formação de uma capacidade de atenção mais complexa e potente, e, nesse sentido, a poesia é, de fato, uma questão (do desenvolvimento) de atenção. (GUMBRECHT, 2016, p. 100).

Assim, a força expressiva da poesia e os múltiplos vetores constitutivos da linguagem poética dimensionam o sentido da vida e da arte, com suas forças mediadoras de comunicabilidade e jogos combinatórios da linguagem, centrados no ofício do verso e na memória lírica. E há muito de memorialístico também nos versos de Santana. Em *Autorretrato I*, ato de buscar retratar a si mesmo, o eu lírico mostra sua memória e ancestralidade, que lhe ressoam intermitentes. Há um vigoroso teor de crítica social implícito nos versos e uma ânsia evidente de ser protagonista de sua própria existência. Há um desejo inegociável de descobrir a si mesma, reinventar-se e lutar insistentemente para ocupar um espaço de plenitude social e existencial, porque ambos não se dissociam, assim como a palavra e o poema, assim como a vida e a poesia.

Autorretrato I

Sou uma Persona que o espelho não reflete!
Trago os olhos arregalados e a alma exposta.
Ainda de mãos dadas com a professora
do jardim de infância,
Vera Varanda,
sei que os desafios serão de imensidão e in-
teireza.
Assemelho-me aos manguezais de raízes ex-
postas.
Rasgos cortam a minha pele em escarifica-
ções

deixadas por ancestralidades que nunca emudecem em mim.

Logo, há escaras em minha memória que sonha.

Esfolo-me todos os dias a fim de penetrar
verdades

submersas em minha preta pele.

Descobrir quantas me habitam,

quantas sobrevivem ao tirar das vendas,

quantas resistem à queda do abismo,

quantas ainda enfrentam Hidras,

quantas me restam do que fui e do que sou.

Eis-me nua pelas ruas de Ilhéus,

cruzando fronteiras da América Latina,

perdida atravessando o Oceano Índico,

onde cismo palavras e colho amores-perfeitos.

Sou uma Dália atordoada, desidratada.

Desbravo a vida e rumo em direção aos de-
sagravos.

Nada acalma o meu desejo de construir Exis-
tência.

Estou aqui, entre óleos e aromas,

testemunhei a morte das Orquídeas,

e a despedida do último Outono.

Moro numa clarabóia, lugar do imponderável.

Desintegro-me a cada Poema!

(SANTANA, 2019, p. 41).

Na primeira estrofe, logo no primeiro verso se vê um eu lírico invisibilizado socialmente, apagado da história. O espelho é a metáfora que sinaliza e clareia a história dos vencedores. Ao não se refletir, o eu poético se coloca ao lado de todos os perseguidos, injustiçados e mostra sua dor, como no segundo verso, quando diz: “Trago os olhos arregalados e a alma exposta”; no oitavo: “Rasgos cortam a minha pele em escarificações”. Isso são ecos da ancestralidade negra que ressoa vivaz na memória e história do eu lírico, como vemos no verso subsequente e é afirmado no segundo verso da estrofe seguinte: “submersas em minha preta pele”.

As ancestralidades que nunca emudecem no âmago do eu lírico são memórias e

histórias que ressoam difíceis, até traumáticas, mas extremamente necessárias para se manter vivo o orgulho de pertencer a uma classe, a uma etnia e a lutar, questionar, indagar sempre acerca dessa condição. Ainda na primeira estrofe o eu lírico expõe, no sexto verso, a amplidão de tais questionamentos, quando observa: “Sei que os desafios serão de imensidão e inteireza” e esse desafio é individual e coletivo. Significa luta e reflexão, autodescobertas, sentimento e sentido de pertencimento.

Na segunda estrofe fica clara a necessidade instigante do eu poético na busca constante pelo se autorreconhecimento. O exercício é refletir acerca da negritude que o habita, descobrir as verdades que estão presentes nesse sujeito irrequieto e firmar sua identidade. E a tarefa não é simples e pacífica, como se vê já no primeiro verso. O verbo flexionado “Esfolo-me” já nos dá uma ideia da dificuldade, embate íntimo e social e até mesmo da dor que é buscar e descobrir a história de uma coletividade dentro de si.

E, como postas em camadas, o eu lírico, a partir do terceiro verso vai enumerando as “verdades” que lhe rodeiam e, por extensão, o constituem porque fazem parte de sua história e das suas vivências. Nesse exercício experiencial de mergulhar no íntimo de si mesmo em reflexões acerca de sua história, cultura e existência o eu lírico se fortalece pois não deixa no esquecimento suas origens e se descobre como sujeito e cidadão. Digladiando-se com as verdades postas, redescobrimo umas, refutando outras, se tenciona uma busca constante que constitui o sujeito marcado pela transitoriedade. Nesse sentido o último verso dessa estrofe é significativo pois mostra as “verdades” que permanecem e as que são, pode-se dizer, desnaturalizadas com o passar do tempo. O verbo ser, flexionado no passado (fui) e no

presente (sou) mostra a memória operando para mostrar um eu lírico que está entre a desconstrução e a afirmação de si mesmo.

Essa reflexão é poética e social. Ambas integradas, porque a poesia não foge à história e a poeta não se distancia de suas experiências. Logo no primeiro verso da última estrofe, temos duas palavras centrais, “nua” e “Ilhéus”. A primeira marca o eu lírico feminino do poema, a segunda é a cidade onde nasceu Rita Santana, nenhuma das duas, obviamente, colocadas por acaso no verso. Elas mostram exatamente o vigor social e filosófico, que ressoa na conjuntura de *Cortesarias* e faz com que o leitor saia de sua zona de conforto. Conforme Aleiton Fonseca, no prefácio do livro,

Trata-se de uma poesia que se manifesta em tom dramático, com coesão entre corpo e palavra, e imanta a voz e o discurso da poeta nas suas experiências e saberes acumulados. Quem nos fala é uma voz visceralmente lírica, que estende sobre o universo um olhar perquiridor e oracular. A poeta dirige a palavra a uma plateia envolta na penumbra, tensionando a sua zona de conforto e acomodação. Sua récita revela os saberes acerca da vida, do existir e do ser em contínuo estado de construção/demolição (FONSECA, In: SANTANA, 2019, p. 15).

O estado de construção e demolição mencionados pelo professor ecoam, igualmente, nos versos desse poema, “Autorretrato I”. Nessa terceira estrofe o eu lírico está em movimento. O “nua” do primeiro verso significa tanto despojamento quanto afirmação. Mostra o orgulho das origens e essa origem em diálogo com outros espaços. Todas essas elucubrações do eu poético tem relação com a existência. Existir e lutar que é reflexão também da poeta.

No sexto verso o eu lírico diz que desbrava a vida, uma necessidade constante que impulsiona o próprio existir. No ver-

so seguinte – o sétimo - ele complementa: “Nada acalma o meu desejo de construir Existência”. E essa existência, em maiúscula, designa a coletividade que está no poema e se vê refletida no eu lírico. No oitavo, nono e decimo primeiro versos, os verbos “estou”, “testemunhei” e “moro” mostram as experiências do sujeito poético. Particulariza-se para no verso final do poema vermos a desintegração pela escrita, ou seja, a poesia como espaço de reflexão e compartilhamento de saberes. Em cada poema nasce uma nova maneira de ver o mundo e repensar a existência. Se o eu lírico desintegra-se no poema levando ecos do poeta, este integra-se na poesia, porque poetar não é somente um exercício com palavras, mas um ato com a linguagem.

É exatamente o ato de fazer poesia que se observa no poema exposto a seguir. O título já traz a figura da poeta enquanto artista, ou seja, o exercício poético é sobretudo uma arte, mas não um exercício gratuito e desconectado dos sujeitos e da sociedade de onde é criado. A poesia é uma arte viva, que encanta tanto quanto incomoda e o poema não é apenas uma estrutura de palavras sem história, mas linguagem em movimento. Conforme Octavio Paz, “[...] O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – e nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta.” (PAZ, 1972, p. 51-52).

Assim, o poema alimenta e é alimentado pela comunidade e pela história e o poeta é o artista que serve de ponte entre a palavra e o humano. É o sujeito que capta e captura palavras e as transforma em verbo, em um exercício de inteligência e subjetividade, em um ato de criação, que congrega imaginação e ideias, experiências e sensibilidade. É isso

que o eu lírico feminino mostra nos versos abaixo.

Retrato da Artista quando Poeta

Não domo vontades, nem febres!
Tenho afazeres, azares, palavras para cuidar.
Haja acuidade e ternura para o plantio!
Lavro o terreno ao escuso, ao oriundo, ao ignavo,
ainda assim, surpreendo-me diante das falências,
diante do vazio que se instala próspero
quando me olho ao espelho e vejo desolação,
maleitas, desavenças agudas, pneumonias.

Espero a ebulição das sementes, aquieto-me.
Recuso-me aos espólios da cegueira, do infortúnio.
Aprofundo-me em especulações sobre mim mesma:
Aconselho-me, aventuro-me aos homens,
navego em peitos de oceanias e queimo-me,
recolho-me.

Homenageio a Morte em meus versos de rudeza
pois já estive com Ela, já bordamos juntas
em outro poema. Aprecio a sua fidelidade.
Espero a sua visita final para a afinação dos remos.

Há lavas que cobrirão toda a Aldeia,
mas eu estou aqui e tento a plenitude da Existência.
Sofro do gozo estético! Como uma Entidade,
refestelo-me com pequenas suítes para piano,
com a sofisticação das violetas – tão sanguíneas!

A Criação exige-me Inteira e Coragem
no embate com a voracidades das gentes.
Venho de terras partidas por águas,
são muitos os ilhéus que projetaram
Minha solidão insular, minha verve de magmas.
Estou aqui, nua e exposta ao meu Tempo:
Sou Poeta!

(SANTANA, 2019, p. 51-52).

Na primeira estrofe o eu lírico vai mostrando que poetar é sobretudo ter a sensibilidade em captar momentos e situações que se transformam em poesia. E mais que isso, poetar é refletir sobre as vivências humanas e perceber que as relações afetivas, os problemas sociais e o sofrimento humano não escapam aos olhos atentos e à sensibilidade arguta do poeta. Seu trabalho é refletir sobretudo acerca da humanidade presente no humano, esse campo fértil que é motor da poesia. A estrofe que se inicia com um lírico que se quer mostrar alheio ao humano e ao social, logo se descobre impossibilitado de tal comportamento, pois justamente nesse discurso que tenta colocar a poesia no campo da *arte pela arte* acaba por mostrar implicitamente seu engajamento social. Com isso, a poeta fica, então, o tempo todo a refletir filosoficamente acerca do seu fazer poético como movimento que agrega o seu eu interior, suas percepções e inquietudes com a realidade do mundo.

Nas três estrofes seguintes nota-se a inquietude própria da artista e da poeta, condição que a guia na criação. Há momentos de espera, recusa, aconselhamento, aventura, homenagem, sofrimento, porque isso é próprio da existência humana e não passa despercebido ao poeta, sujeito ativo na tarefa de compreender o mais íntimo do ser, seus embates na vida e relação com a morte. Na terceira estrofe, por exemplo, o eu lírico expõe um diálogo com a Morte, em maiúscula para mostrar esse encontro como derradeiro e inevitável. Ele coloca a morte como fiel, ao final, e com isso mostra que ela sempre está presente na vida e em algum momento arrebatada os sujeitos sem cerimônia. No verso final lemos: “Espero a sua visita final para a afinação dos remos”, assim o eu lírico reforça a transitoriedade da vida e não luta contra a fatalidade da morte, porque sabe

que ela é necessária, na vida e na poesia.

Na próxima estrofe há a “plenitude da Existência”, recorrente, aliás, nos poemas de *Cortesianias*. E essa plenitude existencial é a admiração e percepção das pequenas coisas da vida, como a música (piano) e as cores (violetas) que são apreciadas pelos sentidos e levam sensação de bem-estar e conforto a quem sabe apreciá-las. O gozo estético de que fala o eu lírico no terceiro verso é sua sensibilidade em apreender pequenos momentos e situações como únicas e vivê-las intensamente quando ocorrem. Essa é a busca do poeta. Isso é a essência da poesia: exercício lúdico e ato de rebeldia. E isso está amalgamado nesse poema.

Poetar é um criar que exige Inteira e Coragem, como nos diz o eu lírico no primeiro verso da última estrofe e isso significa entrega verdadeira ao ato e ofício. O poeta não está, ele é, sempre. Integra-se na coletividade e se envolve em si mesmo nos versos. No terceiro, quarto e quinto versos nota-se uma rememoração à terra natal de Rita Santana, Ilhéus, cidade cortada por águas de rios e do mar e isso é vivificante no fazer poético da autora mostrando, por conseguinte que o sujeito que escreve não se desvincula de suas origens, histórias, vivências e cultura, quando muito as encobre sinuosamente sob a linguagem. O eu lírico mostra essa conexão e organicidade entre o criador e a criação, no penúltimo verso, quando ressalta e complementa com “Minha solidão insular, minha verve de magmas” os dois versos anteriores.

As verves de magma, ou seja, metaforizando o mais profundo da poeta, mostra-se na superfície do poema. Nele estão implicitamente pulsantes as memórias de sua cidade, estado e cultura. Rita Santana se expõe como poeta de seu tempo e em constante diálogo com outras e outros poetas e ar-

tistas, porque afinal, ser poeta é isso, tecer conversas com a sociedade, com a cultura, com a história e consigo mesmo. O estar nua e exposta, como afirma esse eu lírico feminino no penúltimo verso demonstra, além de tudo isso, coletivamente, a coragem e empenho e necessidade da mulher, sobretudo a mulher negra e de espaços ditos periféricos, em escrever e poetar e isso é que faz da poesia um ato de rebeldia e transgressão.

Transgressão que marca a presença do feminino em muitos poemas de *Cortesánias*. O eu lírico de Rita Santana sempre está em busca do desafio de conhecer a si mesmo, expondo suas necessidades e desejos, criticando comportamentos cristalizados socialmente e mostrando os desafios que é o ser mulher. Nisso há a mostra da faceta política amalgamada no decorrer de seus versos. No poema “Outras!” fica evidente a reflexão acerca da condição feminina e a crítica à concepção historicamente naturalizada que vê a mulher como apêndice na sociedade que é regida pela ordem patriarcal.

Outras!

Busco abius no Outono,
enquanto bordo rubras ofensas
na bandeira dourada de minha Pátria.
Descubro os tons dos desencantos
nas águas marinhas, na movimentação das
nuvens,
nas hordas em que cavalgo em meus sonhos.
Teço avenças com a Morte
e com as enfermidades que acometerão
minha sólida condição de mulher.

Quando pensas em mim, Amado,
não pensas em mim!
Pensas naquela que te agrada:
a da brandura, dos silêncios.
Aquele do recolhimento e da aceitação dos
dias.
Amacias tua vaidade,
teu falo (memorável membro!).

Sequer percebes meus acometimentos,
minha condição de desejosa,
minha insanidade de paisagens.
Há uma Outra que nada entre corais,
coleciona amanheceres e planta aromas na
varanda.

Perfumo minhas mãos com manjeriço, to-
milho e calêndulas.

Aprendo desimportâncias a cada dia: outras
nascem em mim
[aos borbotões!]

(SANTANA, 2019, p. 81).

O próprio título do poema remete à pluralidade do feminino, o que se confirma posteriormente, a partir da metade da segunda estrofe. O eu lírico traça um diálogo que alia reflexão e desconstrução. A condição da feminilidade é escancarada e traz embates sociais que se mantem pulsantes na sociedade ocidental como um todo: de um lado, o desejo e busca de liberdade da mulher; do outro, comportamentos ainda imperantes de domínio masculino. O poema se mantém na gangorra das emoções íntimas do eu lírico, representativo da feminilidade e crítica à exterioridade social que oblitera essas emoções de desejos.

Essa obliteração é histórica e sobrevive pela perpetuação de estereótipos, inclusive reiterado por muitas mulheres, vítimas inconscientes de um sistema opressor que opera para manter tudo na ordem vigente, ou seja, a predominância da dominação masculina. Nesse poema, então, o eu lírico ao trazer esses questionamentos, abre espaço que possibilita se refletir acerca do espaço e condição social e existencial da mulher.

A primeira estrofe já se abre com o verbo buscar. O eu lírico feminino, enquanto trabalha na busca e coleta do fruto (abius) se põe em crítica social e política à sua Pátria, em um sarcasmo contundente. A seguir, no rastro dessa busca reflexiva, os versos ganham um tom de desencanto geral, expansi-

vo, que toma conta do eu poético. Vê, sente e imagina, em sua existência, uma condição tortuosa da feminilidade.

Nos três versos finais dessa estrofe, o eu lírico flerta com a morte e se mantém consciente acerca das adversidades que rondam sua condição de mulher. As enfermidades que lhe acometerão são pressentidas antes mesmo que ocorram, daí a lucidez da poeta ao colocar em discussão no poema o condicionamento histórico da mulher. Os dois últimos versos “e com as enfermidades que acometerão/ minha sólida condição de mulher” representa a força da mulher que luta pela sua emancipação e sabe que tal empenho nunca é pacífico e sua busca pode causar abalos. Nesse sentido, as “enfermidades” mencionada no penúltimo verso são físicas e psicológicas, individuais e sociais.

Além disso, ao tecer avenças com a Morte (em maiúscula) percebe-se uma sutil e talvez inconsciente ligação à mitológica Lilith, contraponto da Eva bíblica. A primeira - símbolo de morte e pecado - converte-se em símbolo de independência, enquanto a segunda simboliza submissão. Evidentemente o eu lírico feminino que transparece nos poemas de Rita Santana se alinha mais à transgressora Lilith que à obediente Eva. O discurso poético da autora dialoga intensamente com a figura mítica. Ambas são transgressoras de padrões, desviantes de comportamentos. Conforme Monteiro,

Lilith, enfim, é a expressão do grito libertário da mulher clamando por igualdade e não por submissão ao discurso, ao desejo ou à ordem do outro. É expressão da busca feminina por autossuficiência e por realização mais plena. O pecado de Lilith está em sua desobediência aos padrões vigentes, em sua não-submissão. A mulher ao longo da história foi enquadrada na submissão e na obediência, mas não a si e aos seus valores e potencialidades [...]. (MONTEIRO, 1998, p. 35).

Se a figura de Lilith é desafiadora e transgressora, esse impulso se mantém atuante na verve poética de Rita Santana. Na segunda estrofe do poema, o eu lírico continua sua reflexão acerca da profundidade do feminino, o qual não é sentido e valorizado no seio da sociedade patriarcal que não enxerga a mulher em sua complexidade de sujeito diferente, de necessidades particulares e emoções diferenciadas.

Nos cinco primeiros versos dessa estrofe vemos a crítica direta em direção ao comportamento patriarcal que tem a mulher idealizada e perfeita naquela que agrada e é submissa: “a da brandura, dos silêncios” como diz o eu lírico no quarto verso. Aqueles que se submetem a normas e vontades, que perpetuam os padrões impostos são representativas categorias de Eva, conforme assinala Monteiro

[...] *Evas* são mulheres que só fazem o que se espera delas, ou perderam a vitalidade devido aos padrões patriarcais cravados nela. Tornam-se muitas vezes um *borrão de atividades*, ao ser tudo para todos. Só desfrutam de estima por estarem juntas de alguém. Não tem os desejos nem pensamentos seus, apoiam sempre os dos outros, querem ser simpáticas e boas. Vivenciam um apego infantil aos ideais paternos. (MONTEIRO, 1998, p. 38).

Evidentemente, esse eu poético feminino, transfigurado em Lilith nos versos de *Cortesania*s condena esse padrão, não se enquadrando nele. Isso fica claro logo nos dois primeiros versos do poema “Outras!”. Isso mostra também como o feminino que desafia e é combativo incomoda a estrutura e lei patriarcais. A insurgência gera temores. Em vez de se buscar entender e dar voz e vez ao feminino, procura-se desterrá-lo. Em vez de buscar entender as diferenças, o discurso patriarcal procura reforçar a incompletude e inferioridade do feminino.

Para se quebrar essa tradição, romper com essas normas, o feminino precisa ser percebido em relação de equidade ao masculino, mas muitas vezes nem sequer é levado em consideração. No sexto verso o eu poético continua suas críticas e reflexões, ressaltando a incompreensão, insensibilidade e intransigência enraizadas na sociedade e cultura patriarcal que é também falocêntrica. Nos versos “teu falo (memorável membro!”/ sequer percebe meus acometimentos” fica clara a percepção do eu lírico de que o falo é a lei e o poder e por isso a sociedade ocidental tem se regulado pela sua presença ou ausência.

A consequência disso é que o feminino é colocado à margem. A queixa do eu lírico feminino é ser excluída em suas diferenças. Seus desejos, acometimentos, vontades estão à margem são preteridas em função de uma objetividade verticalizante, fálica. A multiplicidade do feminino é soterrada, não compreendida para além do estritamente funcional e biológico. Sabemos que o ser mulher é complexo e suas necessidades são diferentes das do ser homem. Essa questão está pulsante nesse poema de Rita Santana, bem como em outros de *Cortesianias*.

No décimo primeiro verso da segunda estrofe o eu lírico nos leva a pensar o feminino em outra perspectiva, a de pluralidade. Quando diz: “Há uma Outra que nada entre corais” está sinalizando que o feminino não é um estereótipo, mas um grande arquétipo que precisa ser compreendido em sua profundidade. Dentro de cada mulher há dinamicidade, essências e individualidades que necessitam ser libertas da repressão. Isso é defendido pelo eu poético de Rita Santana e, conseqüentemente, pela própria autora, que resgata em seus poemas o diálogo com a feminilidade, busca ressarcir a integridade mítica perdida da mulher, pois ela sabe que

A mulher quer poder, saber e amar. Quer ser dona e soberana da própria vida, quer ser *virgem*, isto é, quer se bastar e *quer gerar ações libertarias de seu desejo*, o desejo de viver o mais possível suas potencialidades. O que realmente importa é a pergunta em si, que devemos estar fazendo sempre, porque as respostas variarão: ora poder, ora saber, ora amor. E que não precisemos dos outros ou da Esfinge para nos fazer esta pergunta. Cabe, enfim, a nós próprias, formulá-la a cada momento, aceitando suas oscilações ao vislumbrar respostas novas ao desejo, de ultrapassar-se, aventurar-se, criar-se. (MONTEIRO, 1998, p. 198).

Aventurar-se enquanto sujeitos plenos, por projetos e autoconhecimento e investir em si, compreender-se e reatar os laços com a própria intimidade. É isso que o eu lírico do poema quer para a mulher. Quer que todas busquem sua feminilidade interior e que a sociedade saiba reconhecer nelas o diferente que complementa. Perceber toda essa complexidade é uma aprendizagem frutífera. Nos dois últimos versos do poema o eu lírico diz que aprende desimportâncias todo dia, ou seja, busca outros caminhos para se encontrar verdadeiramente, despertando dentro de si outras oportunidades, outras vivências, outras experiências.

O poema que se inicia com a busca, finaliza-se com a aprendizagem. O eu lírico mostra que com o ato de buscar se questiona, se compreende e aprende, sobretudo a valorizar-se. As “Outras” que nascem e crescem do seio do eu lírico, mostram o ser plural e pleno que o feminino é. Sua busca por espaço não é uma retomada e invasão ao campo do masculino, mas uma recuperação do que se perdeu ao longo da existência. A poesia crítica e sensível de Rita Santana promove a restauração da natureza feminina, tecendo ao mesmo tempo o grito pela liberdade, emancipação política e social com a busca

interior desse ser feminino que está adormecido nas profundezas de toda mulher.

Considerações finais

Diálogo com as artes plásticas, luta política, crítica social, descobrimento e recuperação do feminino no ser mulher, eis o que traz potencializado Rita Santana em inúmeros poemas de *Cortesantias*. O eu lírico feminino presente na maioria dos poemas do livro não é algo casual. Nos mostra que a questão que envolve a feminilidade é cara à autora. A mulher que pensa, que reflete, se valoriza, mostra sua força e escancara suas necessidades, medos e desejos está vicejante neste livro de poemas. Pode-se dizer que Rita Santana tem uma poesia engajada e não é alheia aos problemas e conflitos que a mulher enfrenta, coloca-os todos na poesia que pratica, no ato de poetar.

A poeta ainda mantém, em *Cortesantias*, diálogo profícuo com sua terra e sua gente, com a Bahia e com o Brasil, com a negritude, reavivando memórias pela voz do eu lírico. Tece enlaces com obras e aristas conterrâneos e contemporâneos e também com a de outros espaços e temporalidades. Destaca-se neste diálogo, releituras e aproximações com as artes plásticas, especialmente com a pintura de van Gogh. A poeta mantém nos versos o ritmo e a plasticidade do pictórico, como se cada poema fosse um quadro a retratar cenas da vida.

Os poemas em que se nota a presença do pictórico é considerável dentro da obra

Cortesantias. Nesses, não se esvai a presença feminina. O eu lírico está sempre a reforçar a feminilidade que dialoga e transita por campos e espaços. Não se prende a paredes nem se inibe em buscar outras vozes (inclusive masculinas) para se corresponder. Tudo isso mostra que o principal da obra da baiana Rita Santana é mais que um exercício que leva ao papel palavras colhidas de suas experiências, mas é sobretudo um ato de linguagem irrestrito, que provoca, intriga, interage, sensibiliza.

Referências

- BACHELAR, Gaston. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo Motta Pessanha. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1994.
- FONSECA, Aleilton. “A poesia de Rita Santana: Afresco, Nebulosas e Cortesantias” [apresentação de Cortesantias]. In: SANTANA, Rita. **Cortesantias**. Coordenação e organização Fernando Oberlaender. Salvador: FB Publicações, 2019.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Serenidade, presença e poesia**. Seleção e tradução Mariana Lage. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.
- MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. **Mulher: feminino plural: mitologia, história, psicanálise**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates).
- PULS, Maurício. **O significado da pintura abstrata**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- SANTANA, Rita. **Cortesantias**. Coordenação e organização Fernando Oberlaender. Salvador: FB Publicações, 2019.

Recebido em: 08/03/2023

Aprovado em: 29/05/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.